

Construções identitárias da cultura gaúcha em uma cidade no interior do Paraná

430

• Revista  **mosaico**

Tatiane Perucelli¹

<https://orcid.org/0000-0001-5961-120X>

Miguel Archanjo de

Freitas Junior²

<https://orcid.org/0000-0001-6636-8084>

Fernando Renato

Cavichioli³

<https://orcid.org/0000-0001-8925-2420>

**Identity
constructions of
gaucho culture
in a city in the
interior of
Paraná**

Resumo

O objetivo do presente estudo foi analisar o processo de formação da identidade cultural de indivíduos participantes de um Centro de Tradição Gaúcha (CTG), localizado fora do Rio Grande do Sul. Para tanto, utilizou-se fontes bibliográficas que abordaram a questão da identidade gaúcha, as quais foram problematizadas a partir dos escritos sobre cultura, identidade, identidade cultural, diáspora e observações etnográficas realizadas no CTG. Conclui-se que a cultura tradicional gaúcha foi modificada ao longo do tempo, pois passou a incorporar valores presentes na sociedade local. Desta maneira, influenciando na identidade social e na autoidentidade dos participantes do CTG, resultando na formação de uma identidade cultural gauchista.

Palavras-chave: Cultura; Identidade Cultural; Povo gaúcho.

Abstract

The objective of the present study was to analyze the process of formation of the cultural identity of individuals participating in a Gaucho Tradition Center (CTG), located outside of Rio Grande do Sul. For that, bibliographical sources were used that addressed the issue of gaucho identity, which were problematized from the writings on culture, identity, cultural identity, diaspora and ethnographic observations carried out in the CTG. It is concluded that the traditional gaucho culture was modified over time, as it started to incorporate values present in the local society. In this way, influencing the social identity and self-identity of the CTG participants, resulting in the formation of a gauchista cultural identity.

Keywords: Culture; Cultural Identity; Gaucho people.

Introdução

A cultura, em seu processo de ressignificação, apresenta um conceito relacionado à distinção entre pessoas, ao desenvolvimento de uma civilização e instrução de povos primitivos (CHAUÍ, 2008). Abordar esse tema é deparar-se com um conceito que não é unânime nas diferentes áreas de conhecimento.

Com a modernidade isto é potencializado, pois surgem novas formas de definir a cultura, que passa a ser determinada por princípios epistemológicos presentes em diferentes áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a história e a psicologia, por exemplo, que abordam a relação entre aquilo que é herdado e aprendido socialmente, aquilo com que o indivíduo se identifica a partir da relação com o mundo externo, ocorrida por meio de simbologias, saberes, tradições, costumes, crenças, valores, conhecimentos etc. (EAGLETON, 2011).

Se os humanos são responsáveis por “criar cultura”, a perspectiva antropológica proposta por Geertz (2008), pode nos ajudar a interpretar esta teia de significados que amarra e ao mesmo tempo foi construída pelo homem. Este processo pode ser realizado através da análise das ideias, abstrações (coisas e acontecimentos não observáveis, não palpáveis, não tocáveis) e dos comportamentos (MARCONI; PRESSOTO, 2010).

Diante disto, é possível afirmar que para assimilar uma cultura é imprescindível que ela tenha representatividade para seus integrantes, evitando desta maneira que ocorram discussões abstratas, pois determinados padrões foram unificados e representam os sistemas culturais daquele determinado grupo (GEERTZ, 2008).

De maneira mais específica, é possível observar no povo gaúcho, um grupo que apresenta os elementos essenciais citados por Marconi e Pressoto (2010), ao tratar da cultura, pois os gaúchos valorizam o *conhecimento*: todas as culturas possuem conhecimentos transmitidos de geração em geração, aspectos referentes à ordem social; *crenças*: aceitação de uma proposição comprovada ou não cientificamente, podem ser pessoais (proposições aceitas independente das crenças dos demais), declaradas (proposições aceitas como verdadeiras, mencionadas para defender ou justificar suas ações) ou públicas (proposições que os membros de um grupo concordam, crença comum); *valores*: empregado para indicar objetos e

situações consideradas boas, desejáveis, o valor incentiva e orienta o comportamento humano; *normas*: regras que determinam os modos de agir dos indivíduos em determinadas situações; e *símbolos*: realidades físicas ou sensoriais, em que os indivíduos os utilizam para atribuir valores ou significados específicos (MARCONI; PRESSOTO, 2010).

Oliven (2008) destaca que a cultura e a identidade brasileira possuem uma vasta diversidade e seus significados intercalam-se, devido à grande miscigenação, assim como à influência do espaço geográfico, sendo que com esse processo temos a conversão de alguns símbolos étnicos em símbolos nacionais. Diante disto, quando se analisa elementos presentes na vasta extensão territorial brasileira, defronta-se com diferentes construções de identidades regionais, dentre elas, a cultura gaúcha.

No Brasil, a figura do gaúcho está atrelada ao comerciante de muares, de cavalares e outros produtos, que auxiliou no desenvolvimento econômico do país. Ao longo desse processo, os movimentos migratórios também marcaram a trajetória deste grupo, que se desenvolveu fora do seu berço de criação, tornando-se necessária a criação de estratégias para manter a identidade com as características da população do Rio Grande do Sul.

Uma destas estratégias foi a criação de Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), que tinham entre seus principais objetivos a preservação e manutenção dos laços afetivos gaúchos, que eram representados através das vestimentas, da gastronomia, da música, da língua, dos princípios e valores que são motivo de orgulho do povo gaúcho.

Destarte, algumas questões precisam ser refletidas. Como esse processo de identificação e manutenção de uma cultura tradicional é construído? Como esta identidade cultural é vivenciada por aqueles que migraram do Rio Grande do Sul para outras regiões do país?

Uma primeira possibilidade teórica para pensar estas questões, foi apresentada por Hall (1996), ao tratar da construção da identidade cultural na diáspora. Este autor indica que ela pode ser compreendida por dois caminhos: o primeiro, como uma cultura compartilhada refletida a partir de experiências históricas em comum, e por códigos culturais, que se tornam um quadro de referência estável, contínuo, sentindo-se a carência de se recontar o passado. Já o segundo caminho,

com uma visão diferente, pois os mesmos pontos de similaridades também possuem elementos de diferença, constituindo “o que nós realmente somos” e “o que nos tornamos”, quando a história interveio. Contudo, para Hall (1996), em ambos os casos, os povos buscam estar atrelados à cultura de que se afastaram, minimizando a perda dos laços adquiridos, porém com a tentativa de inserir-se na cultura recém-chegada.

Partindo do pressuposto de que as identidades culturais possuem uma história que não é estática, o objetivo do presente artigo foi analisar o processo de formação da identidade cultural de indivíduos participantes de um Centro de Tradição Gaúcha (CTG), localizado fora do Rio Grande do Sul.

Para atingir este objetivo, a pesquisa foi desenvolvida através de três momentos interdependentes. No primeiro tópico, “Construção de uma identidade cultural: a cultura gaúcha em questão”, analisou-se fontes bibliográficas que abordaram especificamente a temática gaúcha, as quais foram problematizadas de maneira articulada aos escritos sobre cultura, identidade, identidade cultural e diáspora.

Em seguida, no tópico “Cultura gaúcha e sua chegada no Paraná”, recorreu-se aos documentos do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) da região, os quais regulamentam e norteiam as atividades desenvolvidas nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG).

A última etapa do estudo foi a realização do trabalho de campo em um CTG situado na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná, descrito no tópico “Percepção da cultura gaúcha fora do Rio Grande do Sul: um relato de caso em Ponta Grossa”.

A realização desse estudo justifica-se pela escassez de produções nacionais que versam sobre a cultura gaúcha praticada para além das fronteiras do Rio Grande do Sul. Perucelli (2020), em uma pesquisa exploratória, utilizando três plataformas de pesquisa, Portal de Periódicos Capes, Scielo e Scopus, não encontrou trabalhos científicos que relacionassem os temas identidade e cultura gaúcha. Neste mesmo estudo, identificou que a maioria dos trabalhos analisavam a presença de estilo musical gaúcho, dias festivos gaúchos, aspectos de obras literárias, discussões em torno da reterritorialização, programas e telejornais de emissoras rio-grandenses, aplicativo do Rio Grande do Sul e mercantilização da

cultura tradicionalista gaúcha.

Um tema que ganha relevância, principalmente quando se observa o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, apresentado pelo governo do Estado a partir do censo demográfico de 2010, é que identificou que 1.066.500 gaúchos estão residindo em outros estados brasileiros, tendo como preferência os estados de Santa Catarina e Paraná (IBGE, 2010).

Construção de uma identidade cultural: a cultura gaúcha em questão

Os primeiros debates sobre o conceito de identidade cultural ocorreram nos Estados Unidos, estando inicialmente relacionados à imigração. Só a partir dos anos 1950 e 1960, esse debate muda para discussões em torno de raça, e, posteriormente, engloba outras discussões em torno do conceito, com uma preocupação voltada para diferentes grupos de pessoas e categorias, como: gênero, orientação sexual, deficiências, convicções religiosas, entre outras, com interferência de um cunho político/representativo nas décadas de 1980 e 1990 (KUPER, 2002).

As perspectivas de identidade cultural reformulam-se, contribuindo para que características distintivas de determinados grupos se tornassem uma forma de obter reconhecimento, fazendo do processo de identificação uma opção. Ou seja, um indivíduo mesmo tendo uma crença subjacente, pode identificar-se com uma coletividade ou grupo representativo, aflorando uma determinada identidade, que em algum momento pode lhe ter sido negada ou descoberta (KUPER, 2002).

Entende-se que a identidade cultural possui vários entraves para sua definição, pois as principais análises de seu processo de identificação estão ligadas a elementos próprios da cultura, sendo eles atrelados à existência de uma essência, que marca as diferenças entre povos e nações. Costumes são herdados através do convívio social (socialização), estabelecendo um processo de autoidentificação, resultando muitas vezes em um conflito com o mundo exterior e os valores individuais (mundo interior).

Utilizando-se do exemplo citado por Berger e Luckmann (2014), a criança humana diferencia-se do animal, pois com as determinações biológicas o animal desenvolve-se no corpo da mãe, já no ser humano, esses desenvolvimentos estabelecem-se no lactante depois que se separa do útero, relacionando-se com

modos complexos, ou seja, a criança não só se relaciona com um ambiente natural particular, mas com uma ordem cultural e social específica, sendo o seu desenvolvimento orgânico socialmente determinado. Sendo assim, torna-se mais significativo dizer que o homem constrói sua natureza, produzindo a si mesmo, em vez de ter uma natureza (BERGER, LUCKMANN, 2014).

O senso de pertencimento do indivíduo está ligado a determinado grupo que represente a sua identidade. Quando a criança nasce em determinada cultura, são oferecidas a ela modos de vida, valores, costumes e regras daquele espaço. A partir disso, nota-se a relevância de observar-se os aspectos socioantropológicos da cultura em questão, compreendendo seus elementos e como se dá sua preservação, e/ou modificação.

Quando volta-se para a população do Rio Grande do Sul, Luvizotto (2009) destaca que a configuração histórico-cultural do estado é composta por três tipos básicos: os lavradores matutos (de origem principalmente açoriana), os representantes atuais dos antigos gaúchos e a formação dos descendentes de imigrantes europeus, em que esses gaúchos originaram-se da transfiguração étnica de várias populações híbridas, entre elas: de espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis, de povos de origem germânica, italiana, polonesa, japonesa, libanesa, entre outras.

Contudo, quando se adentra a cultura gaúcha para compreender como se dá sua formulação, nos deparamos com um sistema organizado através do registro de documentos, cartas de princípios, regulamentos, normativas e órgãos regulamentadores que visam salvaguardar as memórias, mas também estabelecer um padrão na transmissão dessa cultura. Algumas destas obras são reconhecidas como “textos fundadores” do Movimento Tradicionalista Gaúcho, como a tese *O Sentido e o valor do tradicionalismo gaúcho*, de autoria de Luiz Carlos Barbosa Lessa, a *Carta de princípios do tradicionalismo gaúcho* e o *Manual do tradicionalista*, ambos de autoria de Glaucus Saraiva.¹

Entre esses meios de preservação da cultura gaúcha, apresenta-se o Gauchismo, dentro dele o Tradicionalismo. O gauchismo-tradicionalista

¹ Glaucus Saraiva da Fonseca foi tradicionalista, folclorista, historiador, professor, pesquisador, escritor, personagem importante do tradicionalismo gaúcho, juntamente com Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Foi sócio fundador 35 Centro de Tradições Gaúcha, do qual foi o primeiro “patrão” (presidente).

responsabiliza-se pelas concepções de tradição e folclore relacionadas com a coleta de ideias de preservação de traços culturais, vistos como sobrevivência do passado, que custa caro ao grupo, na tentativa de preservar as “autênticas” manifestações da cultura gaúcha, que foram iniciadas em um passado rural e pampeano (MACIEL, 2005, p. 448).

Para Maciel (2005), esse movimento gera várias discussões a respeito daquilo que é a cultura gaúcha a ser repassada por seus sucessores, e ainda destaca uma diferença naquilo que seria a cultura tradicionalista e a cultural tradicional. Defendida por Lessa (1978), a cultura tradicionalista traz todo o conjunto de manifestações pertencentes ao gauchismo-tradicionalista, e a cultura tradicional pretende criar uma base tradicional, mas adaptada ao tempo e espaço, com elementos tradicionais, porém, com práticas novas.

Em seu estudo, Konflanz (2013) apresenta os principais períodos históricos da Cultura Gaúcha, dividindo-o em três momentos distintos. Dois primeiros marcados pelo gauchismo-tradicionalista, e o terceiro pela expansão do gauchismo-tradicional. A saber:

a) **1º momento**: momento inicial, destacando o início do Partenon Literário de Porto Alegre, criado em 1868, em que muitos intelectuais produziam diversos textos sobre questões regionais, resgatando: ideais da Revolução Farroupilha, do campeiro, figuras gaúchas importantes na época, responsabilizando-se por um grande acervo literário, pelo culto ao regionalismo, mesmo com o intuito de somente preservar a tradição e encerrando em 1885 suas atividades (KONFLANZ, 2013);

b) **2º momento**: ocorrido durante a República Velha (1889-1930), até 1940, neste momento foi resgatada e reinterpretada a imagem do gaúcho e das tradições. Com a criação da 1ª agremiação, o Grêmio Gaúcho, também em Porto Alegre e em 1898 por Major João Cezimbra Jacques, valorizava-se o culto à tradição, diferenciando-se do primeiro momento que visava a literatura. Cultivava a tradição por meio de festas, desfiles, palestras, romantizando acontecimentos históricos da época, ressaltando a Revolução Farroupilha como símbolo de heroísmo. Coincidia com os ideais da Revolução Farroupilha (KONFLANZ, 2013); e

c) **3º momento**: caracteriza-se pelo período em que a cultura tradicionalista perde espaço para a cultura tradicional, adquirindo características modernas, que combinam com a representatividade e significação perante a população, para uma

formulação capaz de permanecer até os dias atuais. Após a Segunda Guerra Mundial, em especial no ano de 1947, a partir do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, alguns nomes como: Paixão Côrtes e colegas, Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva e outros jovens, criaram documentos que permanecem no cenário gaúcho atualmente. Com o sucesso de suas atividades diante do gauchismo, criou-se o 35 CTG, primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG²). A partir deste, outros surgiram, tornando o gauchismo-tradicional um movimento abrangente, com condições de expandir-se e proliferar, não sendo restrito a grupos de intelectuais, como ocorria anteriormente (KONFLANZ, 2013).

Destaca-se que, nestes momentos, estas fases estiveram ligadas a situações políticas e sociais da época no país, sendo cada uma responsável pela construção de símbolos e representações do imaginário gaúcho e pelo culto ao passado, citados anteriormente. Simon (2009) ressalta que essa dispersão advém da facilidade de distribuição de terras no final do século XIX. As disputas por terras intensificaram-se neste período, e os agricultores gaúchos foram os que mais incorporaram terras no país, criando um cenário que favoreceu a difusão de costumes e tradições gaúchas.

Haesbaert (1998, p. 57) analisa que a situação da migração se orienta, em sua maioria, por “uma base econômica, pela pressão e a expansão da dinâmica capitalista, embora também carregue, de forma indissociável, o mito ‘imigrante’ de dominação e difusão de inovações em outras terras”. Já Canclini (2007) destaca que podemos compreender os sistemas migratórios a partir de três perspectivas: a migração de instalação definitiva ou de povoação; a migração temporária por motivos de trabalho; e a migração de instalação variável, mesclada pelas anteriores. Se notarmos o primeiro motivo ao qual analisamos aqui, temos o povo gaúcho como uma migração de instalação variável, ocupação de terras e motivos de trabalho, a agricultura e por condições socioeconômicas.

Na época de estabilização do povo gaúcho fora do Rio Grande do Sul, muitas terras ainda estavam sendo distribuídas para diversos imigrantes que se estabeleceram no país, após a Segunda Guerra Mundial (1945). A partir dos anos de 1950, a mecanização das lavouras fez com que muitos gaúchos se

² São centros de tradicionalismo gaúcho que propagam eventos para disseminar a cultura gaúcha: normas, valores, crenças e costumes.

preocupassem com o futuro, em busca de trabalhos com melhores remunerações e com a educação dos filhos. Assim, já na década de 1970, a grande migração para o norte do estado do Paraná começa intensificar-se na procura por terras para plantio e posse, depois alastrando-se para outros estados do país (SIMON, 2009).

Entre as décadas de 1970 e 1990, além do Paraná, os gaúchos migraram para o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Pará, Amazonas, Brasília, Goiás, Minas Gerais, Bahia, Maranhão e Piauí. Neste período, dezenas de milhares de gaúchos, que viviam na pobreza no Rio Grande do Sul, conseguiram, através destas terras, enriquecer, construindo novas casas e ótimas condições para educar os filhos (SIMON, 2009).

Haesbaert (1998) cita que muitos destes sulistas veem-se de forma diferente dos demais brasileiros, reforçando o exposto por Hall (1993), que esse estranhamento na cultura recém-chegada e seus processos de fixação colaboram para a elaboração de novas estratégias de pertencimento. Então, no cotidiano dos gaúchos, fazem-se muito presentes traços da tradição gaúcha e seus costumes típicos, colaborando para a herança cultural gaúcha revivida nos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), retornando para o princípio inicial do culto ao passado.

Cultura gaúcha e sua chegada no Paraná

A cultura é uma produção que possui sua matéria prima, seu trabalho produtivo e seus recursos, tendendo a depender de um conhecimento transmitido pela tradição, que por sua vez está em constante mutação (HALL, 2003). Porém, esse desvio através de seus passados capacita por meio da cultura, construindo a nós mesmos de novo, como novos seres, não se tornando uma questão daquilo que a tradição faz de nós, mas sim o que fazemos com ela, com que o processo de construção de identidade cultural está sempre em formação. Dizer que essas identidades culturais estão acabadas é um naufrágio perante as diferenciações que proliferam (HALL, 2003).

A chegada da cultura gaúcha e a constituição dos CTGs no sul do país foram facilitados pela “Marcha para o Oeste”³ e, devido à proximidade, dos estados de

³ A “Marcha para o Oeste” foi uma política pública produzida pelo governo de Getúlio Vargas, a fim de desenvolver e integrar as regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil com baixa densidade demográfica.

Santa Catarina e Paraná, os quais, mais receberam imigrantes gaúchos. Para Bhabha (2007, p. 20), esses “entre-lugares” (termo utilizado para definir o “estar aqui e lá”) fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação. Esta pode ser singular ou coletiva, sendo capaz de dar início à elaboração de novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, na tentativa de definir a própria ideia de sociedade, construindo identidades a partir de diferentes realidades.

Nessas ações de criação de novos signos, apresentam-se conflitos e negociações, resultando em processos de diferenciação, em que o direito de se expressar, a partir da periferia do poder e do privilégio autorizado, não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição que persiste na vida das minorias, onde o reconhecimento da tradição outorgada é uma forma parcial de identificação (BHABHA, 2007).

Para compreender esse processo de identidade cultural, Hall (2003) apresenta uma experiência de diáspora (dispersão de povos, por situações diversas) vivenciada pela migração caribenha para a Grã-Bretanha, no pós-guerra, e o nascimento da diáspora negra afro-caribenha, onde essa disseminação colocada em questão lança uma luz, sobre as complexidades, não só construindo uma nação, mas de imaginar-se essa nação, tornando-se “comunidades imaginadas”, perante as dificuldades enfrentadas e na busca de uma vida melhor.

Para o autor, os povos em situações diaspóricas tendem a manter vivo um forte senso daquilo que é da terra de origem, para preservar sua identidade cultural. Porém, essas identidades não podem ser vistas como tendências singulares, e não ambíguas, pois na situação de diáspora as identidades tornam-se inúmeras. Em muitos casos, um exemplo como os dos caribenhos, em que “ser caribenho” torna-se mais presente fora do Caribe, como nas comunidades formadas em Londres (HALL, 2003).

É importante destacar que o conceito de diáspora não está apoiado somente na concepção binária de diferença, *différance*, termo de Jacques Derrida citado por Hall (2003). Este refere o conceito de diferença como estratégia de significado e significação, onde esse “jogo de diferenças” cria espaços numa situação em que as culturas se chocam, muitas das vezes em relações de subordinação e dominação, colocando a origem do povo em uma mistura com a nova formulação de vida

exposta, onde o lugar que se ocupa se transforma, e se criam dificuldades em refazer o primeiro espaço, algo frequentemente até impossível.

Olhando para o objeto do presente estudo, observa-se, a partir da segunda metade do século XVIII, que a região dos Campos Gerais, estado do Paraná, recebe um ciclo de movimentos diaspóricos, os quais ocorreram devido ao rastro tropeiro. As estradas por onde passavam as tropas serviam como eixo de ligação para o transporte de gado, passando pelas cidades atualmente denominadas Ponta Grossa, Palmeira, Castro, Imbituva e Lapa, onde o tropeirismo ganhou forte ascensão, buscando gado no Rio Grande do Sul e Argentina (PARANÁ, 2016).

A partir do tropeirismo, a migração e povoação nas regiões do Paraná cresceram, e conseqüentemente as tradições e os costumes fizeram-se presentes na criação dessas cidades paranaenses. Com o povo gaúcho originado do Rio Grande do Sul, esse processo não foi diferente, e a busca por terras para a criação de gado e agricultura avivou-se, assim a procura por estabilização tanto no local chegado como na cultura que acabara de adentrar não estagnaram.

No caso do povo gaúcho, o tradicionalismo surgiu como uma ideologia destinada a manter a massa rural e camadas populares que em algum tempo de suas vidas migraram para outras regiões em condições de submissão de seus traços culturais. Caracterizando-se como um movimento anacrônico, que sofreu mudanças em suas bases ideológicas, pelas alterações socioeconômicas, tentando manter alguns aspectos, costumes, crenças de sua cultura (OLIVEN, 1985).

Contribuindo para essa dificuldade de estabilização no local chegado e a necessidade do passado-presente, os indivíduos se encontram em uma condição vulnerável ou incerta. Deste modo, sempre buscam manter laços intensos e frequentes com o lugar de origem e com os conterrâneos. “As dificuldades para integrar-se à sociedade receptora fomentam redes de solidariedade, lugares emblemáticos de encontro e diversão” (CANCLINI, 2007, p. 111). Nos CTGs, esse processo de elaboração de redes de solidariedade faz-se presente, colaborando para que os costumes sejam revividos no local estabelecido, até como uma estratégia de preservação da cultura tradicional.

A expansão dos CTGs pode ser percebida através de uma matéria publicada em 2015, no site G1 do Rio Grande do Sul. Esta reportagem apresenta um ranking por estado de CTGs filiados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) (ver

Tabela abaixo). Todos os dados foram levantados pelo presidente da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha.

Esses CTGs são responsáveis por manter as tradições e conseqüentemente a identidade desse povo disperso pelo país, reunindo-o novamente a partir de atividades culturais; em um lugar no qual as famílias podem socializar as suas histórias; um local em que se deve utilizar as vestimentas gaúchas e consumir as comidas típicas (OLIVEN, s/d), contribuindo para a preservação da cultura e principalmente para a manutenção da identidade cultural tradicional do povo gaúcho.

Tabela - Ranking da quantidade de CTGs por Estado brasileiro.

Classificação	Estado	Número de CTGs
1°	Rio Grande do Sul	1.731
2°	Santa Catarina	601
3°	Paraná	336
4°	Mato Grosso	43
5°	Rondônia	33
6°	São Paulo	28
7°	Mato Grosso do Sul	19
8°	Goiás	9
9°	Rio de Janeiro	7
10°	Bahia	5
11°	Distrito Federal	4
12°	Amazonas e Minas Gerais	3
13°	Tocantins e Pernambuco	2
14°	Acre, Roraima, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Espírito Santo.	1

Fonte: Elaboração dos autores com base em G1, 2015.

No entanto, Oliven (1985) destaca que o tradicionalismo vem sofrendo mudanças, e que preservar a cultura gaúcha torna-se difícil com o florescimento de novas manifestações gaúchas que passaram a estar presentes no CTG, desta maneira fogem do controle do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Como forma de minimizar os efeitos destas mudanças, a criação de novos CTGs deveriam seguir as diretrizes apresentadas pelo MTG.

Para criar um CTG, tornava-se necessário realizar uma solicitação por

escrito para o Coordenador da Região Tradicionalista. O grupo deveria ter no mínimo quarenta pessoas maiores de idade e idôneas, que seriam responsáveis pela fundação, manutenção da entidade e permanência da patronagem, pelo mínimo de um ano (MTG-PR, 2019). O CTG também deveria possuir uma organização burocrática, com cargos específicos, sendo eles: Patrão (Presidente), Capataz (Vice-Presidente), 1º Sota-Capataz (1º Secretário), 2º Sota-Capataz (2º Secretário), 1º Guaiaca (1º Tesoureiro) e 2º Guaiaca (2º Tesoureiro) (MTG-PR, 2019).

Outra modalidade presente, que se classifica como um subgrupo pertencente ao CTG, é o Piquete⁴, o qual pode ter uma relação de no máximo quinze peões adultos e qualquer quantidade de Piás, Guris e Prendas que estejam cadastrados como filiados ao CTG-mãe, responsável (MTG-PR, 2019).

Cada CTG ou Piquete regulamentado é obrigado a pagar anualmente (anuidade), cerca de três salários-mínimos (50% destinado ao MTG-PR e 50% para a RT – Região Tradicionalista) e um e meio salários-mínimos (1 salário-mínimo para a RT e ½ salário para o MTG/PR), respectivamente (MTG-PR, 2019).

O CTG que não cumprir as disposições atribuídas pelo Regulamento fica sujeito a sanções presentes no Código de Ética e Código Disciplinar, ficando impedido de promover eventos, bem como os membros impedidos de participar de rodeios e eventos relacionados ao MTG-PR e CBTG (Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha), além da desfiliação compulsória do MTG-PR (MTG-PR, 2019).

Dentro do CTG existem as invernadas (artística, cultural, campeira e esportiva), que são departamentos ou setores responsáveis em organizar atividades dentro deste local, seguindo as regras, os regulamentos e as diretrizes do MTG.

A Invernada Artística possui um concurso de provas individuais e coletivas versando sobre a cultura gaúcha e paranaense (no caso específico de cada estado), e tem a sua essencialidade na valorização e na promoção dessas culturas, através da preservação e promoção das artes, das tradições e do folclore, desenvolvendo-se através de quatro modalidades, a saber: a) Danças Tradicionais Birivas e de Salão, b) Chula, c) Música e d) Causo e Declamação (MTG-PR, 2019).

A Invernada Cultural, em seu Artigo 2º do Departamento Cultural, tem como um dos objetivos: elevar os níveis cultural e intelectual de prendas e peões, através

⁴ Classificação dada para a constituição de um grupo menor de pessoas que querem dar início a um CTG, que no caso precisa de 40 pessoas. O piquete pode ser de somente 15, inicialmente.

de estudos e pesquisa da tradição, tradicionalismo, folclore gaúcho e paranaense, sendo escolhidos através de concurso cultural (MTG-PR, 2019).

Na Invernada Campeira, são realizadas competição, seguindo as normas do MTG-PR e associados, de as provas como: a) Laço Individual, b) Laço em Dupla, c) Laço em Equipe, d) Rédeas, e) Prova do Chasque, f) Prova do Cepo, g) Gineteada, h) Vaca Parada. Somente a Gineteada, é opcional (MTG-PR, 2019). Esta categoria engloba os Rodeios Criolos, eventos em que há um rigor ainda maior quanto à saúde e ao bem-estar dos cavalos e maneira de agir dos participantes dentro da competição.

Por sua vez, a Invernada Esportiva tem por objetivo a promoção socio esportiva entre entidades filiadas (MTG-PR, 2019). Uma de suas características marcantes é que os integrantes (os jogadores, técnicos ou capitães) devem participar dos eventos pilchados (vestuário gaúcho).

Na constituição do CTG, é necessário que as famílias ingressas possuam indivíduos inscritos em todas as invernadas, mesmo que em alguns casos específicos o CTG dedique-se apenas em um ou duas invernadas particularmente. Desta maneira, em todos os centros, de forma direta, através do envolvimento com uma invernada, ou indireta, observando as atividades e os eventos de outras invernadas, o indivíduo encontra no CTG a possibilidade de conhecer e vivenciar as diferentes práticas que buscam estabelecer a visão sobre o que é ser “gaúcho”.

A preocupação com a preservação e o fomento dos elementos identitários da cultura também pode ser observada na organização dos eventos do CTG, os quais devem seguir as diretrizes estabelecidas em um Regulamento Geral estabelecida pelo MTG:

- a) A promoção de fandangos, exigindo do CTG: participantes pilchados ou em traje social conveniente; não usa-se chapéu, tirador, armas brancas ou de fogo, elementos que são de uso campeiro, os salões devem ser bem iluminados (não permitindo os pares dançar com comportamentos que agridam o respeito, a moral e os bons costumes), não são permitidos artifícios estranhos ao tradicionalismo gaúcho nos CTGs, e os grupos que irão tocar devem ser mencionados: pilcha autêntica dos integrantes do conjunto, repertório de música gauchesca executadas no compasso gaúcho e evitar som em altura exagerada; b) Festas campeiras ou rodeios: demonstrações de habilidades campeiras, com concursos, campeonatos e práticas de atividades ditas gaúchas, que corroborem com a tradição e folclore; c) Rodeio crioulos: promovidos pelos CTGs e piquetes filiados, com modalidades campeiras, artístico-culturais e

esportivas, podendo participar todos os CTGs e piquetes filiados ao MTG-PR e convidados especiais, de outro MTG, desde que se enquadrem nas normas do MTG-PR (MTG-PR, 2019, p. 15-16).

Percebe-se que a criação dos CTGs é uma tentativa de preservar a cultura tradicional gaúcha, por meio da qual pessoas que acreditam ser detentoras da verdadeira identidade gaúcha buscam ensinar aos demais gaúchos como fazer para manter a tradição, independentemente do local em que o gaúcho esteja vivendo, fato este que pode ser observado nos estudos de Oliven (s.d.), Oliven (1985), Luvizotto (2009), Luvizotto (2010) e Maciel (2005).

Verifica-se que os sistemas de adaptação, tanto como produção e reprodução de costumes e tradições, são necessários para a compreensão das manifestações culturais, e que as pessoas “não são meros produtos dos meios envolventes, mas estes também não são totalmente moldáveis pela arbitrária automodelação dos primeiros” (EAGLETON, 2011, p. 15).

Logo, é possível afirmar que o processo de (re)formação cultural nunca se completa, pois acaba sendo influenciado pelos sistemas de referência, normas e valores... No caso em questão, foram tensionados o distanciamento de suas regras habituais, que passaram a ser negociadas a partir da “diferença do outro”, muitas vezes, resultando em uma insuficiência com seu sistema de significado e significação anteriormente vivenciados.

Percepção da cultura gaúcha fora do Rio Grande do Sul: um relato de caso em Ponta Grossa

Os primeiros contatos com o CTG ocorreram no final do mês de novembro de 2016. O primeiro passo para adentrar em um CTG, e realizar a pesquisa de campo, foi dado através do *Google Maps*, onde se fez uma busca com o termo “CTG”. Juntamente com o primeiro endereço indicado na busca, havia o número do responsável pelo CTG, o patrão (presidente). Neste contato inicial, foi explicada a intenção da pesquisa. Em seguida, solicitou-se uma conversa pessoal, para poder fazer um esclarecimento mais detalhado sobre a importância do estudo.

Abaixo a imagem da conversa (Figura 1), com algumas supressões de termos para manter o anonimato dos locais e das pessoas que participaram do estudo, e que estabeleceram esta condição para aceitação da pesquisa.

A partir desta conversa inicial, as visitas no CTG ocorreram nas quartas-feiras, às 19:00h, nos sábados à tarde e nos dias de eventos. Ao chegar no local pela primeira vez, verificou-se que o público se concentrava em duplas ou grupos ao longo da cerca de madeira que isolava a pista de laço dos demais espaços do CTG. Com o intuito de entender as relações sociais estabelecidas dentro e fora da pista de laço, iniciamos a aproximação com os indivíduos e descrições do espaço nesta cerca.

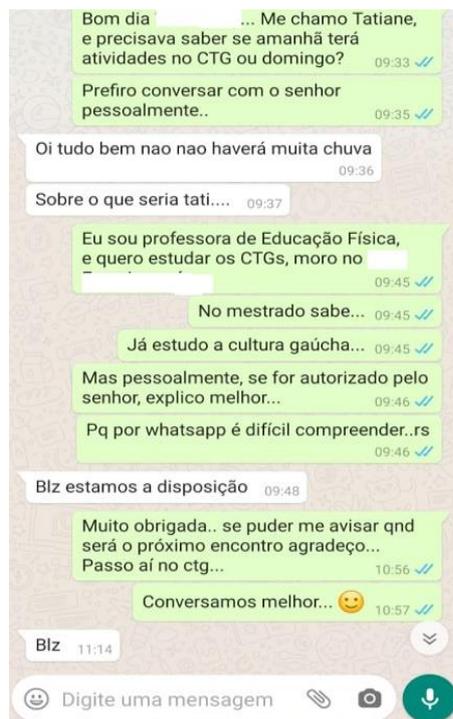


Figura 1 – Primeiro contato.

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Em uma dessas conversas com membros do CTG, conheceu-se a nora do Patrão, ela demonstrou interesse na pesquisa e sugeriu a troca de números de celular para mantermos contato, tornando-se a primeira informante do estudo. As mensagens via WhatsApp, que tinham inicialmente o objetivo de entender as lógicas de funcionamento do CTG e sua relação com a estruturação da cultura gaúcha, aprofundaram-se, surgindo questionamentos como: Quando iremos tomar um café? Mas sem falar de pesquisa?

Esse questionamento possibilitou adentrar no espaço do CTG, pois, a partir desse momento, todas as questões necessárias para suprir a pesquisa, como contatos com autoridades e outros membros de outros CTGs ficou facilitado, uma vez que se tomava café sentada dentro de sua casa, um ambiente íntimo, que,

mesmo fazendo parte do local do CTG, não era um espaço acessado por todos.

Neste dia, conversou-se um pouco com ela, sobre a pesquisa, vivências com os avós através da cultura gaúcha, famílias, questões individuais do espaço do CTG e dúvidas levantadas a partir dos documentos abordados no MTG-PR. A conversa foi amigável, e abordamos mais questões pessoais, o que foi essencial para o estreitamento dos laços afetivos e consequentemente abordar temas mais íntimos da vida no CTG.

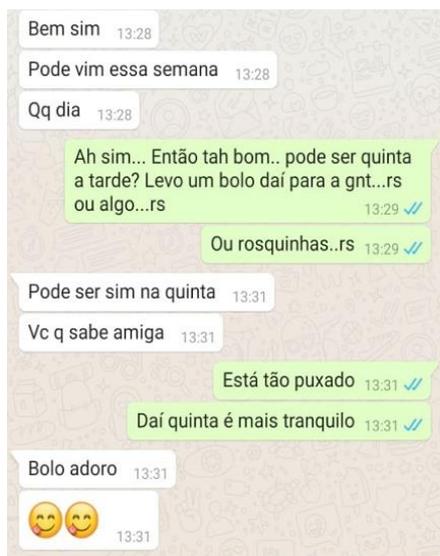


Figura 2 – Convite para o café.
Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

A partir desses contatos próximos e no decorrer das idas a campo, passou-se a compreender a cultura gaúcha fora dos documentos que regem os CTGs. Notou-se, através de uma abordagem mais empírica, uma grande influência de questões regionais na constituição dos CTGs, baseados em sua experiência com movimentos tropeiros, originados de transportes de gados e sua origem campeira, e por estar localizada em uma região denominada de Campos Gerais, no estado do Paraná. Nesta cidade, em conversa com o Coordenador da Região, ele explicou que os CTGs são expressos por 14 locais, sendo 2 CTGs, que destinam suas atividades para a Invernada Artística, através da dança gaúcha, e os outros 12 CTGs destinam suas atividades para Invernada Campeira, que tem como atividade principal, o laço comprido.

A predominância numérica das Invernadas Campeiras, decorre de sua relação com as características agrícolas presentes na região dos Campos Gerais. Deste modo, ao mesmo tempo em que os CTGs da cidade de Ponta Grossa

contribuem para a preservação da cultura regional, eles são influenciados pelas características da região, focando suas atividades nesta e não em outras Invernadas, como a Artística ou Cultural.

Considerando este cenário, durante o desenvolvimento do estudo, estabeleceu-se contato com outro CTG, que tinha suas principais atividades ligadas a Invernada Artística. Segundo os integrantes dos CTGs, uma das invernadas mais caras para se manter é a artística, devido ao transporte para eventos das equipes, roupas e apetrechos necessários para as danças. Durante os diálogos com os integrantes deste CTG, foi possível identificar, através das ocupações profissionais, da escolaridade e de bens, como automóveis, que se tratava de um grupo mais elitizado e com poder aquisitivo maior, se comparados aos membros dos CTGs Campeiros, aos quais não foi possível maior acesso, devido a não aceitarem a pesquisa naquele espaço.

Estabeleceu-se então que em sua maioria os CTGs Campeiros representam mais a cidade de Ponta Grossa, originada de um movimento de tropeirismo. Com as visitas, o fato de estes integrantes estarem sempre e completamente 'pilchados' (com roupas características) nas dependências do CTG, nos levaram a refletir se a imagem representada dentro daquele espaço se refletia em seus cotidianos ou se ao adentrarem no CTG, uma nova identidade era assumida.

A partir das observações realizadas no CTG com característica campeira e com predominância do Laço comprido, verificou-se que os processos de identificação realizam-se por dois meios: há um grupo de indivíduos que se identificam com a cultura gaúcha, com o laço comprido, porém vivem vidas diferentes e com profissões diferentes da vida expressa dentro do CTG, utilizando esse espaço para lazer e sociabilização; por outro lado, também há aqueles que vivem da vida do CTGs, com o cuidado e a criação dos animais, para a manutenção do espaço e dos eventos, enxergando o cavalo como um instrumento do seu lazer, mas antes disso, de seu trabalho. Neste segundo grupo, identifica-se um alinhamento entre a descrição da literatura sobre o que é uma vida campeira e as atividades da vida real.

Em todos os casos, CTG com invernada artística ou os grupos do CTG campeiro, podemos inferir que o envolvimento familiar é fundamental nos processos de identificação e perpetuação da cultura gaúcha. No CTG de invernada artística,

desde criança, se aprende os costumes, as crenças e práticas do CTG, sejam elas relacionadas a declamação de poemas, a tocar instrumentos, a cantar e dançar músicas de origem gaúcha. Por vezes, ensinados através de manuais e livros específicos criados para perpetuar o tradicionalismo gaúcho.

Da mesma forma, no CTG de inverno campeira, que tem como predominância o Laço Comprido, as crianças são incentivadas, desde cedo, a laçarem em cavaletes, em miniaturas de bois de plástico ou em madeira. Acompanhando esse processo de aprendizagem, foi possível identificar a imitação dos gestos técnicos dos pais, primeiras referências de qual seria a maneira correta de montar o cavalo e o “modo certo” de laçar.

Ao longo da pesquisa de campo, ouviu-se o relato de uma família em que o pai laçava com a mão esquerda. Devido ao seu reconhecimento como um bom laçador, justificado pelos troféus e prêmios em eventos, seus filhos também aprenderam a laçar com a mão esquerda, mesmo sendo destros. Esta narrativa foi proferida, orgulhosamente, pelo pai dos meninos. Segundo ele, expressava não somente a transmissão do gosto pelo laço para a geração futura da família, como a preservação de uma característica que o tornou reconhecido entre os CTGs, o laçador canhoto.



Figura 3 – Criança aprendendo a laçar.

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Percebe-se que na constituição da identidade estão presentes determinados elementos culturais escolhidos pelo grupo a ser representado, sendo alguns mais característicos e emblemáticos. Em outras palavras, a construção de uma identidade

cultural, não ocorre apenas de forma harmônica e linear. Estes conflitos ficaram mais evidentes quando se conhece um pouco mais sobre o processo de criação deste CTG Campeiro.

Durante uma conversa com a família do Patrão, eles mencionaram que houve um desentendimento entre algumas famílias que faziam parte do CTG que participavam anteriormente, devido à existência de pensamentos divergentes sobre a forma condução das atividades. Considerando a regulamentação do MTG, não foi possível criar de imediato um novo CTG, após o rompimento entre as famílias. Assim, optaram por fundar um Piquete, regido por esse CTG-mãe.

Em um primeiro momento, o processo de construção da identidade cultural desse CTG expressa-se pelo contato familiar, depois passa a englobar também interesses e ideias próprias. Gerando um processo de crise, deslocando estruturas e processos centrais, abalando quadros de referências que o sustentavam e ancoravam, ratificando a formação identitária e colocando a identidade como algo formado e influenciado pela cultura.

Na relação mencionada, os CTGs citados compartilham valores comuns e valores singulares. Os valores comuns estão relacionados às normas vividas e representadas na regulamentação do CTG, como as roupas, a alimentação, as músicas, as funções no CTG, norteados pelo MTG. Já os valores singulares, são criados e compartilhados pelo grupo através das interações culturais. Como os valores singulares eram divergentes, a divisão do grupo se tornou inevitável.

Para avançar na compreensão deste grupo, olhar para alguns elementos expressos por Marconi e Pressoto (2010), como conhecimento, valores, normas e símbolos, no cotidiano destes indivíduos, é fundamental. Só assim será possível inferir se o senso comum, que ancora a cultura gaúcha, manifestado na imagem do chimarrão, churrasco e bombacha, se efetiva em um CTG do interior do Paraná, ou se neste processo de identificação surgem novos elementos.

Na rotina do CTG observado, identifica-se a estruturação de um espaço totalmente voltado à prática do Laço Comprido. O manejo dos animais que compõem o rodeio (bovinos) é realizado dentro deste espaço, através do núcleo familiar do Patrão. Deste modo, a socialização dos integrantes do CTG é fomentada pela prática do laço. Os encontros eram marcados aos sábados e quartas-feiras à noite. Para alguns destes membros, o espaço da pista servia como um local de

diversão e de transmissão do gosto pelo laço aos mais novos.

Na medida em que os grupo de laçadores aumentava, a busca por acertar as armadas aumentava, modificando a lógica de uma prática descomprometida, para tentativas mais concentradas. Porém, como o foco estava nos rodeios, este momento mais sério da prática servia como uma forma de “treinamento”. O último momento destes encontros era marcado por uma disputa chamada “Vaca-gorda”, onde era cobrada uma taxa de inscrição, para se participar das últimas armadas da noite. Neste momento, ficavam na pista os membros mais habilidosos do CTG, os quais competiam seguindo as regras do rodeio. Além de levar para casa grande parte do valor das inscrições (parte ficava com o CTG), o vencedor destas disputas construía sua imagem perante o grupo. Para além desta questão, realizar boas armadas⁵ era uma forma de manutenção do legado da família, passado de geração em geração.



Figura 4 – Armada.

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Outros elementos presentes são as crenças e os valores, expressos pela religião católica, pela carta de princípios, pelo patriotismo, pelo código de ética e disciplina, através dos eventos realizados no local. Nesses eventos e fora deles, fica nítido a presença da exaltação à Nossa Senhora Aparecida e ao país, devido à preocupação em auxiliar o Estado, os costumes e as tradições presentes na cultura, preservando o linguajar, a culinária, a vestimenta e tudo o que a cultura gaúcha

⁵ Armada é quando o laço atinge o boi de forma precisa, a fim de evitar penalidades.

expressa.

Durante o período em que permanecemos em campo, tivemos a oportunidade de presenciar um rodeio sediado por este CTG. A presença de integrantes de vários outros CTGs de Ponta Grossa e região, a preocupação especial em colocar a melhor vestimenta e a expectativa do grupo pelas provas de laço cumprido, revelavam a importância daquele acontecimento. O aviso do locutor do rodeio, sobre o início da cerimônia de abertura, fez com que todos buscassem o mais rápido possível um bom local para acompanhar o evento. A cerca, como de costume, foi o lugar mais disputado. Era possível ouvir, nas conversas, explicações dos membros mais antigos do CTG, para os novos membros ou convidados (que nunca tinham presenciado um rodeio), as etapas do rito, que aconteciam sempre da mesma forma. Para alguns, a abertura era o momento mais importante do rodeio, devido à dimensão simbólica e às representações que carregavam.



Figura 5 – Abertura do rodeio.
Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Cada ação realizada dentro da abertura era direcionada pelo locutor. O primeiro ato do evento foi a entrada das bandeiras do Brasil, Rio Grande do Sul, Paraná, Ponta Grossa e dos CTGs, carregadas pelos Patrões em seus cavalos. O último Patrão a entrar foi o do CTG-sede, que ouviu do locutor o agradecimento por abrir sua “casa” para receber os membros de sua família. Após o desfile dos Patrões, estes ficaram posicionados ao centro da pista de laço, aguardando o desfile dos demais competidores que se alinharam à direita e à esquerda, mantendo-os no centro do rito.

Após a execução do Hino Nacional, cantado com fervor, o momento religioso da abertura se inicia. Os chapéus posicionados no peito e as cabeças baixas, expressavam respeito e gratidão pela oportunidade e vivenciar aquele momento. Vários integrantes dos CTGs também externavam sua devoção através de camisas com a santa, terços, pulseiras etc. A oração coletiva do “Pai Nosso” e da “Ave Maria” emocionava muitos membros, tornando-se um ponto significativo de articulação da identidade do indivíduo com as crenças e os valores do gaúcho. Em seguida, a pista é liberada para que o Patrão do CTG que recebe o evento realize a primeira armada do dia (tentativa de laçar o boi), em seguida os demais Patrões realizam suas armadas, finalizando os atos festivo do evento.

Vale destacar que estas normas são apresentadas pelos regulamentos e estatutos presentes no MTG-PR, sendo seguidas por todos os CTGs no estado do Paraná. Os símbolos são expressos pelo cavalo, o chapéu, a bota, a botina, as músicas, a bombacha, o chimarrão e principalmente as camisas personalizadas pelos CTGs. Nos dias dos eventos, nota-se uma grande preocupação da vestimenta estar impecável, algo que não é visto no cotidiano, pois devido ao barro e aos excrementos, eles optam por utilizar no dia a dia uma calça jeans desbotada, uma botina, camiseta mais usada e um boné para o manuseio (lida) com os animais.

Destarte, no dia a dia a cultura tradicional acaba sendo flexibilizada. Fato que se percebe quando o chimarrão dá lugar a uma cerveja gelada para relaxar de um dia longo de trabalho e permitir um frescor das altas temperaturas. Normalmente essa bebida não vem acompanhada de um churrasco, mas sim de um salgado frito, vendido no próprio CTG, através de uma lanchonete improvisada. Por fim, é importante destacar que a música gaúcha é substituída pelo estilo sertanejo que está nas paradas de sucesso do momento.

Denota-se que a identidade é influenciada pela cultura em sua constituição, não necessariamente sendo moldada a partir de todas as suas composições, podendo ser flexível, proporcionando aos indivíduos opções de escolha e mudança. A cultura não é sinônimo de identidade e vice-versa. Deste modo, mesmo os CTGs seguindo as normas, crenças, regras, simbologias da cultura gaúcha, cada um possui sua formação identitária.

Pode-se inferir que o homem se torna o centro da cultura, de suas especificações, principalmente quando relacionados à criação de simbologias e

perpetuação desses símbolos, distinguindo-se de povos, legitimando seus hábitos e costumes. Sendo assim, quando se volta para a análise desse processo de criação semiótica, o acesso empírico e a inspeção desses símbolos ou signos são necessários, para evitar-se elaboração de discussões abstraídas por padrões unificados, que não expressam realmente os sistemas culturais (GEERTZ, 2008).

Alguns advêm e são buscados no passado do grupo, em um modo de vida muitas vezes desaparecido, ou seja, aquilo que é conhecido geralmente como tradição. Porém, essa mesma tradição requer alguns cuidados para ser estabelecida, pois faz relação com o passado e presente, tentando reproduzir aquilo que um dia foi original e único, criado em um momento distante, conservando-se e permanecendo-se como uma “sobrevivência do passado” (MACIEL, 2005, p. 445).

Compreendendo-se que a identidade é totalmente construída, que as experiências vividas na diáspora podem afetar a formulação dessa identidade, pois ninguém migra de um lugar para o outro ou herda e apropria-se de determinadas culturas sem ser afetado por essa experiência. Tudo que é histórico acaba trazendo uma transformação constante (HALL, 1996).

Através da vivência no CTG observou-se no rodeio o respeito às normas estabelecidas pelo MTG, uma regulamentação na identidade “construída” ou “imposta”, visão tradicionalista. Em contrapartida, o estilo despojado predominava entre os integrantes responsáveis pelo CTG no cotidiano, pois adequava-se ao trabalho no espaço e com os animais. Membros externos também ressignificam sua identidade, que não só se produz naquele espaço, sendo influenciada por profissões e ocupações fora do CTG. Muitos vinham ao local para ver as Vacas Gordas, usufruindo de um espaço de lazer. Sendo assim, a visão tradicional de alguns elementos da cultura gaúcha permanece, porém em constante modificação, com a inserção de novos elementos e integrantes.

Considerações finais

As situações de diáspora são geradas a partir de conflitos econômicos e de perseguição. No caso do migrante gaúcho, sua dispersão ocorreu por motivos financeiros, devido à mecanização de fazendas e escassez de perspectiva de vida no Rio Grande do Sul. Com isso o povo gaúcho, através do incentivo de seus

governantes, e da intensa propaganda acabaram optando a procurar melhores condições de vida. Foi com o Movimento da “Marcha para o Oeste” que estimulou a vinda deste povo para o Paraná, conseqüentemente sua cultura expandiu-se com a colonização de algumas cidades do estado do Paraná.

Constata-se que os processos de identificação cultural em situações diaspóricas acontecem a partir de um distanciamento das tradições vivenciadas na terra abandonada, um elo se forma com a cultura à qual esteve inserido anteriormente, e que no presente se faz distante. Observa-se que o gaúcho, em sua vivência no CTG, busca trazer os aspectos mais próximos da cultura tradicional que foi deixada.

Nota-se que a identidade cultural sofre alterações conforme as experiências dos indivíduos, cada sujeito tornando-se responsável em fazer de suas tradições a construção do seu próprio eu. Reforçando como a adaptação dos gaúchos faz-se presente através da criação dos CTGs, na tentativa de preservar os valores presentes na cultura tradicional gaúcha.

Durante a pesquisa de campo, foi possível observar empiricamente como a estrutura organizada pelo MTG para transmitir conhecimentos, crenças, valores, normas e símbolos da cultura gaúcha fez-se presente no dia a dia dos membros de um CTG localizado em uma cidade do interior do Paraná. Verificou-se que microfenômenos, como por exemplo, conflitos familiares podem ser o ponto de partida para o surgimento de novos Piquetes ou CTGs.

Identificou-se que os membros do CTG se dividem entre aqueles que residem ou trabalham no local, os que frequentam este local para prática do laço cumprido e os visitantes. As famílias que vivem para o CTG apresentam relações mais duradouras e profundas com a cultura, por estarem mais próximas das entidades que regulamentam a cultura em níveis regionais e nacionalmente. Os praticantes do laço geralmente herdaram o gosto pela prática de gerações anteriores, portanto transitam entre a identidade construída dentro do CTG e a vida construída fora desse espaço. Por fim, os visitantes são aqueles que vão ao local devido a um evento ou para acompanhar alguém algum membro, como forma de lazer e diversão. Se comparado aos membros anteriores, seu laço com a cultura gaúcha é inconstante, seja pelo gosto musical, as roupas que vestem ou o pouco contato com os animais.

Deste modo, o CTG pode ser compreendido como um espaço híbrido no processo de construção da identidade, pois de acordo com as experiências vivenciadas nesse local, o indivíduo vinculará cada vez mais sua identidade à identidade cultural gaúcha ou se distanciará. De qualquer forma, esse processo implica em mudanças internas em todos os envolvidos.

Neste processo de entender a cultura gaúcha, observamos traços da cultura tradicionalista gaúcha e da cultura tradicional. Os valores do movimento tradicionalista são transmitidos através das diretrizes estabelecidas pelo MTG para abertura de um CTG, das normas e dos regulamentos dos eventos gaúchos, como nos rodeios, em que se observa uma tentativa de os integrantes representarem ao máximo a cultura gaúcha, em suas vestimentas, músicas, atividades, hierarquias e seus rituais.

Já o movimento tradicional, mais flexível, manifesta-se no cotidiano do CTG, bombacha, bota e chapéu são substituídos pela calça jeans, botina ou galocha de borracha e boné, mais adequados para a manutenção do espaço, o cuidado com o gado e os cavalos. O chimarrão dá lugar à cerveja gelada, a costela assada dá espaço ao pastel ou a algum salgado frito vendido em um comércio improvisado no espaço. Essas características demonstram que a cultura gaúcha ainda sofre momentos tensivos em sua constituição, entre o tradicionalismo e o tradicional, entre as entidades reguladores e as necessidades do cotidiano.

Conclui-se que a cultura tradicional gaúcha foi modificada ao longo do tempo, pois passou a incorporar valores presentes na sociedade local. Desta maneira, influenciando na identidade social e na autoidentidade dos participantes do CTG, resultando na formação de uma identidade cultural gauchista, ou seja, incorpora elementos e valores da cultura tradicionalista, mas engloba valores resultantes da vida cotidiana dos integrantes do CTG.

Artigo recebido em 17 de janeiro de 2023.

Aprovado para publicação em 19 de abril de 2023.

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales. Buenos Aires: CLACSO, Año 1, n. 1, p. 53-76, 2008.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2011.

G1 RBS. **Quase 40% dos CTGs estão fora do RS**: confira o mapa do tradicionalismo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farroupilha/2015/noticia/2015/08/quase-40-dos-ctgs-estao-fora-do-rs-confira-mapa-do-tradicionalismo.html>. Acesso em: 23 dez. 2016.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração "gaúcha" no Brasil. **Revista Território**, v. 111, n. 4, p. 55-71, 1998.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. Culture, community, nation. **Cultural Studies**, v. 7, n. 3, p. 349-363, 1993.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Identidade cultura e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, v. 1, n. 24, p. 68-75, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectivas dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 103-133.

KONFLANZ, Celso. **A moderna tradição gaúcha**: um estudo sociológico sobre o tradicionalismo gaúcho. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru: Edusc, 2002.

LESSA, Barbosa. **Rodeio dos Ventos**. Porto Alegre, RBS: Globo, 1978.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: UNESP, 2010.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura Gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora USP, 2009.

MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. Rio Grande do Norte. **Revista de Humanidades – Mneme**, Caicó-RN, v. 7, n. 18, p. 439-460, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESSOTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2010.

MONDARDO, Marcos. A diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná e a representação do “lugar do futuro”: a (re)invenção da Região Sudoeste entre 1940-1970. **Revista de Humanidades – Mneme**, Caicó-RN, v. 11, n. 27, p. 203-217, 2010.

MTG-PR. **Regulamento Artística**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MTG-PR. **Regulamento Campeira**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MTG-PR. **Regulamento Cultural**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

MTG-PR. **Regulamento Esportiva**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 20 jun. 2019.

MTG-PR. **Regulamento Geral do MTG do Paraná**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

OLIVEN, Rubens George. A fabricação do Gaúcho. **Cadernos Seru** (2ª série). n. 1, 1985.

OLIVEN, Rubens George. Cultura e identidade nacional no Brasil. In: MEDEIROS, J. L. (org). **Identidades em movimento**: nação, cyberespaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo. Editora Sulina: Porto Alegre, 2008, p. 103-121.

OLIVEN, Rubens George. **Em busca do tempo perdido**: o movimento tradicionalista gaúcho. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs_15_03.htm. Acesso em: 1 set. 2016.

PERUCELLI, Tatiane. **A identidade cultural gaúcha**: análise das produções acadêmicas e a realidade de um Centro de Tradição Gaúcha. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

PIERUCCI, Antônio Flavio. Identidades culturais: uma discussão em andamento. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. **Movimentos migratórios:** Mais de 1 milhão de gaúchos residem em outros estados do Brasil. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/migracoes>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Tropeirismo.** Disponível em: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=316>. Acesso em: 10 set. 2016.

SIMON, Pedro. **A Diáspora do Povo Gaúcho.** Brasília: Senado Federal, 2009.

Sobre a autoria

¹Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas (2021 – atual) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: tatianeperucelli@live.com.

²Doutorado em História (2009) pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de Educação Física e do Programa *Strictu Sensu* em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mfreitasjr@uepg.br.

³Doutorado em Educação (2004) pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor titular da Universidade Federal do Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física. E-mail: cavicca@hotmail.com.